

# CONTRADIÇÕES OLÍMPICAS: QUANDO A MAGNITUDE DA CONQUISTA EQUIVALE À DA FRUSTRAÇÃO

DRA. FABIANA TURELLI

Doutora em Ciências da Atividade Física e do Esporte pela Universidade Autônoma de Madrid – Madrid/Espanha  
Professora da Universidade de Manitoba – UMANITOBA/Canadá

**Resumo** | Nesse texto eu busco problematizar criticamente algumas questões que emergem em torno aos Jogos Olímpicos, mas que não se restringem ao momento das competições, posto que muitas são fruto de processos estruturais históricos (Crenshaw, 1989) e requereriam um posicionamento mais veemente de instituições sociais de impacto, como a que administra o mundo esportivo. Eu organizo o texto em forma de prosa reflexiva, apontando algumas contradições tremendas (Olímpicas) que podem encobrir ou mascarar falta de ação e negligência com fachadas de grandes avanços. Minha proposição é que outras pessoas possam tomar essa perspectiva como um convite a olhar de forma crítica o mundo da alta *performance*, onde atletas sonham em chegar e lá brilhar, mas pagam um preço muito elevado e talvez injusto para alcançar os parâmetros impostos.

**Palavras-chave** | Jogos Olímpicos; Mulheres no esporte; Alto rendimento.

## OLYMPIC CONTRADICTIONS: WHEN THE MAGNITUDE OF ACHIEVEMENT EQUALS THAT OF FRUSTRATION

**Abstract** | In this text I seek to critically problematize some issues that emerge around the Olympic Games, although they are not restricted to the moment of competitions, as many are the result of historical structural processes (Crenshaw, 1989) and would require a more vehement positioning of social institutions of impact, like the one that manages the sporting world. I organize the text in the form of reflective prose, pointing out some tremendous (Olympic) contradictions that can cover up or mask a lack of action and negligence with facades of great advances. My proposition is that other people can take this perspective as an invitation to look critically at the world of high performance, where athletes dream of reaching and

shining in, but pay a too costly and perhaps unfair price to meet the imposed parameters.

**Keywords** | Olympic Games; Women in sport; High performance.

## **CONTRADICIONES OLÍMPICAS: CUANDO LA MAGNITUD DEL LOGRO ES IGUAL A LA DE LA FRUSTRACIÓN**

**Resumen** | En este texto busco problematizar críticamente algunas cuestiones que surgen en torno a los Juegos Olímpicos, pero que no se limitan al momento de las competiciones, ya que muchas son resultado de procesos estructurales históricos (Crenshaw, 1989) y requerirían un posicionamiento más vehemente de instituciones sociales de impacto, como la que gestiona el mundo del deporte. Organizo el texto en forma de prosa reflexiva, señalando algunas contradicciones muy grandes (Olímpicas) que pueden tapar o enmascarar la inacción y la negligencia con fachadas de grandes avances. Mi propuesta es que otras personas puedan tomar esta perspectiva como una invitación a mirar críticamente el mundo del alto rendimiento, donde los atletas sueñan con llegar y brillar allí, pero pagan un precio muy elevado y quizás injusto para alcanzar los parámetros impuestos.

**Palabras clave** | Juegos Olímpicos; Mujeres en el deporte; Alto rendimiento.

Há um mês do início dos Jogos Olímpicos de 2024, diferentes fontes noticiavam uma vitória histórica das mulheres<sup>1</sup>. Tal vitória se refere a que pela primeira vez na história dos Jogos (Modernos e sem dúvida dos Antigos também), as mulheres seriam 50% do número total de atletas. De fato, essa é uma conquista que merece ser celebrada e devidamente creditada à luta e à resistência de muitas mulheres ao longo de tantas edições dos Jogos. No entanto, é intrigante que em quase 13 décadas de Jogos de verão acontecendo ao redor do mundo, apenas agora pudemos lograr isso. Não me entendam mal: estou contente com o feito. Mas também estou indignada com a demora. Uma demora que definitivamente não traduz qualquer suposta lentidão das mulheres, mas sim a negação da igualdade como seres humanos e depreciação delas como “outro”<sup>2</sup> in-

1. Por exemplo, GURI, Paulo Guilherme. Por que as Olimpíadas de Paris são uma vitória histórica para as mulheres? Invest News. Junho, 2024.
2. Atenho-me neste texto ao uso padrão do termo para a língua portuguesa no mascu-

feriormente diferente. As barreiras são reais, muitas vezes algo encobertas com teto de vidro (Connell, 2006), e noutras ainda como paredes obtusas e rústicas – basta identificar-se como mulher para saber e enfrentar os variados formatos (Collins, 2002). O patriarcado se redesenha para disfarçar a dominação (Bourdieu, 2012), e notícias como essas terminam confundindo o juízo, levando muitas pessoas a se contentar com o até agora conquistado. Novamente, algo avançou, mas não deixa de ser uma migalha, depois de tanto tempo.

Neste texto busco problematizar criticamente algumas questões que emergem em torno aos Jogos Olímpicos, mas que não se restringem ao momento das competições, posto que muitas são fruto de processos estruturais históricos (Crenshaw, 1989) e requereriam um posicionamento mais veemente de instituições sociais de impacto, como as que administram o mundo esportivo. Eu o organizo em forma de prosa reflexiva, apontando algumas contradições tremendas (olímpicas) que, a exemplo do que citei no primeiro parágrafo, podem encobrir ou mascarar falta de ação e negligência com fachada de grandes avanços. Minha proposição, com isso, é que outras pessoas possam tomar essa perspectiva como um convite a olhar de forma crítica o mundo da alta *performance*, em que atletas sonham em chegar e lá brilhar, mas pagam um preço muito elevado e talvez injusto para alcançar os parâmetros impostos. Assim, como primeira contradição, parece ser que o sonho olímpico frequentemente se converte em pesadelo, deixando sequelas em atletas, países organizadores, populações específicas que são afetadas, e assim por diante (e.g. Flores et al., 2024). No entanto, nem tudo é negativo, de fato, e isso justifica que eu venha aqui colocar uma crítica que reivindica comprometimento e ação.

Eu, pessoalmente, amo esportes. Amo esportes com e através de meus poros, tendo me dedicado à prática deles desde minha infância. E acho que também devido a essa intensa paixão sinto visceralmente,

---

lino por duas razões: como forma de crítica vinculada ao tema que escolhi debater e a contradição que o próprio conceito explicita, e porque fazer referência a “outra(s)” poderia estabelecer vínculos com estigmas atribuídos às mulheres.

em um misto de lamento e ódio, as chacotas com as quais a estabelecida supremacia olímpica masculina brinda os demais gêneros. Essa é uma vertente fundamental do tema: a estrutura olímpica enfatiza o binarismo, e uma vez que o jogo imita a vida e vice-versa (Turelli et al., em impressão), essa instituição de tanta relevância legítima e reforça socialmente muitas discriminações, para dizer o mínimo. O Comitê Olímpico Internacional (COI) entra em evidência a cada quatro anos e então suas gafes ressoam mais, como no recente caso de falta de oposição à exploração ambiental levada a cabo pelos organizadores dos Jogos de Paris<sup>3</sup>. O COI se comprometeu com a Agenda 2030 das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável e estabeleceu pilares para uma Agenda Olímpica<sup>4</sup>, porém acaba não se posicionando nos casos críticos. Ou na situação em que se calou diante da imposição da organização de Paris 2024 às mulheres muçulmanas, que precisam escolher entre sua fé e seu esporte<sup>5</sup>. Tal decisão, contrária aos direitos humanos e discriminatória da religião, atualiza a misoginia perpetuada na história dos Jogos e, no fim das contas, da humanidade. Desde um ponto de vista colonialista, continuam dizendo às mulheres o que fazer, como se portar e viver para serem aceitas na sociedade e também nos Jogos. E o COI, ao se calar, consente com o disparate.

Contudo, os desacertos do COI não se restringem aos períodos de Jogos, sendo mais contínuos no tempo. Em uma situação similar às faltas de posicionamento recém mencionadas, após os Jogos de Tóquio o “COI tirou o corpo fora”, como disse Katia Rubio<sup>6</sup>, e jogou a responsa-

---

3. Veja em: ALI, Adam; JOHNSON, Jay; MACINTOSH Ross. *The Conversation: The treatment of environmental activists at Olympic Games contradicts IOC's Olympism ideals*. Winnipeg: University of Manitoba, July 2024.

4. Em: IOC Sustainability Strategy Executive Summary. 2020.

5. Em: KAMPE, Andrei. Paris 2024 obriga muçulmanas a escolherem entre fé e esporte e COI se cala. Opinião UOL. Esporte.

6. Seu comentário pode ser encontrado aqui: (Rubio, Kátia apud Pinheiro, Cassiano; Dilácio, Flávio; Barone, Marcelo, 2024). <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/07/17/historias-olimpicas-4-movimento-lgbtqia-teve-marco-em-toquio-2020.ghtml>, acesso em 17/07/2024.

bilidade de decisão sobre a participação da diversidade de gêneros nas diferentes modalidades esportivas às respectivas federações. Seria esse um trabalho descentralizado, uma proposição de compartilhamento do poder que se concentra na instituição olímpica? No discurso, poderia ser; mas, na prática, trata-se de lavar as mãos da responsabilidade, o que é desconcertante. A neutralidade (Criado-Perez, 2019) como discurso ou prática que objetiva a inclusão e o respeito é uma falácia. E o é especialmente nesse contexto, do esporte altamente competitivo, em que a menor diferença conta para a performance, onde tudo é medido e quantificado. Como pode haver abstenção? O COI não pode considerar a si mesmo como *gender-neutral*, porque as diferenças aí importam muito. Mas o que a instituição faz é evadir-se de compromissos, hesitando em definir critérios e transferindo decisões a outros, com a desculpa de permitir outras expressões.

É necessário se posicionar, ainda que com o tempo as posições tomadas requeiram revisão e reposicionamento (Davies & Harré, 1990). Criado-Perez (2019) escreveu sobre a falta de claras definições para projetos dos mais variados que são executados sem levar em conta as necessidades das mulheres (e eu acrescentaria de outros gêneros e minorias interseccionais). Ela diz que sempre que algo é definido como neutro, que serve para “todos”, tem por detrás padrões masculinos. Ou seja, tentar ser “neutro” indica já a tomada de uma posição que beneficia as ideologias dominantes. Significa dizer que não basta definir-se, por exemplo, como não-sexista; e preciso ser antissexista. E a questão encaixa no mundo esportivo, implicando que é preciso criar novas categorias e novos Jogos se for necessário. Pierre de Coubertin (1973), o restaurador dos Jogos Modernos, escreveu em seu Ideário Olímpico quão absurdo seria que as mulheres, anos atrás, quisessem competir, afinal elas não poderiam enfrentar os homens, e criar categorias unicamente para elas seria uma arbitrariedade. O tempo passa, mas parece que velhas formas resistem e se repetem. São repetidas, na verdade, porque não são desinteressadas: elas são intencionalmente mantidas porque beneficiam a uma fatia importante da população que não se agrada da ideia de perder, dividir ou

apenas reformular seus privilégios (e.g. Connell, 1995). E então o discurso Coubertiniano vem novamente à tona, dizendo que somos todos “humanidade irmanada”. Como se nota, há contradição nisso. *Quem* pode sentir-se irmanado?

Somos todos seres humanos, e como tal, seguramente valem o mesmo. Mas nossas diferenças precisam ser consideradas para que haja *fair play*. Quer dizer, igualdade e equidade se complementam, como demonstram os avanços das teorias feministas. Ao longo de suas ondas, o movimento feminista incrementou suas reivindicações, elaborando a luta inicial de busca por igualdade em diferentes momentos com uma forte chamada, já faz tempo, a celebrar e valorizar diferenças, e também a respeitar e agir para mudar aquelas diferenças que se combinam e se sobrepõem enfatizando opressões (Crenshaw, 1991). No entanto, no mundo das competições de alto nível, estamos ainda lutando para lograr número equivalente de vagas e atletas que de fato chegam aos eventos. Ou seja, estamos andando um pouco em círculos. E repito, isso não se deve a nenhuma incapacidade das que estão na luta, mas à sólida articulação das barreiras. É estonteante e frustrante. E não é exagero, porque se nesse mesmo simples exemplo olharmos os números de treinadores, diretores de federações e ainda do público que vai assistir às competições, as quantidades de homens e mulheres (sem adentrar outras categorias interseccionais além de gênero) não se equiparam – e nem saímos do binarismo... Talvez haja mais mulheres em funções de *staff*, entregando medalhas e outras similares (e.g. Turelli et al., 2022a). Nenhum problema em ocupar-se dessas tarefas, mas em estarem ausentes das funções de altas decisões e de poder, sim, há problema.

Refletir sobre isso é relevante porque com frequência afirmações levianas são colocadas, de que o patriarcado está ultrapassado e já superado e de que o mundo é das mulheres. Se isso não se trata de má intenção e manipulação premeditada, eu diria que quem verbaliza essas ideais está ausente do mundo cotidiano. Essa evasão do mundo pode ser identificada na contradição de celebrar os Jogos ignorando guerras tremendas, e talvez mais, em uma postura que simplesmente ignora uma

parte do mundo, como se certas culturas e populações simplesmente não existissem porque não se enquadram no modelo ocidental, regido pelo Norte Global. Olhar para tais guerras é desconcertante, leva ao questionamento de privilégios e nem todos podem lidar com isso, preferindo ignorar o problema e mesmo reagir com irritação quando alguém insiste nesse “tipo” de assunto. E a contradição é, outra vez, olímpica, porque os discursos olímpicos narram com orgulho como os Jogos Antigos estavam regidos pela *ekekeria*, a trégua sagrada, parando as guerras para serem celebrados (Durántez, 2010). No contexto moderno, mesmo quando os atentados ocorrem vitimando atletas que estão disputando os Jogos, estes simplesmente continuam.

Viver a realidade, ainda que em diferentes partes do mundo, prova que as discriminações, desigualdades e inequidades são tremendas, complexas e dissimuladas (Dubet, 2020). Os sistemas de opressão são reais, e o patriarcado está bem articulado e em pleno funcionamento. Alguns avanços ocorrem, frutos da permanente luta de muitas e seus aliados e cúmplices<sup>7</sup> (Smith et al., 2016), mas também há muitos retrocessos. Por exemplo, as mulheres atletas se equiparam em número aos homens atletas, mas o que se preza nas competições delas não é primeiramente seu desempenho, e sim o consumo de seus corpos por público majoritariamente masculino (Turelli et al., 2023a; 2023b), como atestam os uniformes que elas devem vestir quando jogam. E ainda quando reivindicam dignidade segundo suas próprias concepções, se não bastasse não serem ouvidas, são punidas, como no caso da seleção norueguesa feminina que reclamou o uso de um uniforme mais confortável para jogar handebol de areia em Tóquio 2020 (2021), ao invés de biquínis que enfatizavam as formas dos corpos e não seu potencial e rendimento, e foi multada pela Federação Europeia de Handebol<sup>8</sup>.

---

7. Do ingles accomplices.

8. Em: DW. Multan a jugadoras noruegas de balonmano por no usar bikini. Deportes. DW, 21/07/2021.

Eu penso que é positivo que as mulheres ocupem esses espaços todos, sem dúvidas, apesar dos problemas que precisam enfrentar e negociar. Porém, não posso deixar de oferecer a crítica, já que aí há desrespeito que perpetua o *othering* (Brons, 2015; De Beauvoir, 2011), a desvalorização e desumanização do outro-diferente ao homem-branco-bem-sucedido-preferencialmente-europeu. No contexto do *othering*, também se prolongam, por um lado, visões das *performances* femininas como sempre fisicamente inferiores e menos capacitadas que as masculinas (Mason, 2018; Young, 1980), e, por outro, a infantilização das mulheres (Kessler, 2015) que precisam ser cuidadas e protegidas – isso para colocar em termos que soam positivos, mas podem ser traduzidos, em termos realistas, como mulheres sendo controladas e vigiadas (Foucault, 2009) e, muitas vezes, em termos impactantes, como mulheres sendo exploradas, assediadas e abusadas (Brackenridge & Kirby, 1997; Tjonndal, 2019). A dinâmica está organizada de modo que as populações não dominantes sejam sempre descreditadas. Nessa perspectiva, quando mulheres detêm certo poder ou agem diferente dos estereótipos definidos tradicionalmente como femininos, são acusadas de masculinizadas (Turelli et al., 2022b). Se correspondem a estereótipos, no entanto, como mencionado acima, também enfrentam desafios, sendo, por exemplo, assediadas, sexualizadas e erotizadas no esporte (Turelli, et al., 2023b).

Insistir na igualdade quando convém representa atraso e retrocesso, e ficam, portanto, evidentes as falhas no que concerne à equidade. Além disso, a proposta de igualdade a ser lograda se baseia na comparação constante com um modelo ideal masculino de rendimento que não é atingido nem mesmo pela maioria dos homens (Turelli et al., 2022b). As comparações não fazem sentido e não estão no caminho de concepções críticas humanistas (Freire, 2005; Giroux, 2010; hooks, 1994; Ladson-Billings, 2014), e sim da manutenção do modelo capitalista. Muitos são os elementos no esporte que o reforçam, de competitividade extrema, como é esperado, a exemplo do lema olímpico (*citius, altius, fortius*). Quando nos Jogos de Tóquio o *communis* foi acrescentado, dadas tantas contradições acumuladas, acabou soando mal. Para completar, outros

tópicos fundamentais das ideologias críticas humanistas, como inclusão e diversidade, também estão comprometidos no contexto olímpico. Sabemos que a dinâmica da alta competitividade é excludente por natureza, mas a ideia de igualdade de chances postula contraditoriamente a inclusão; e o COI também fez propaganda do avanço que representava ter nos Jogos de Tóquio, na sociedade japonesa tão tradicional em termos de sexualidade, um espaço para socialização *queer/gay*<sup>9</sup>. Entretanto, isso parece ter se resumido à adoção do discurso de diversidade politicamente correto, e não a mudança, de fato.

A maneira como o esporte de rendimento está organizado perpetua o binarismo e isso, por sua vez, contribui fortemente para que equidade, diversidade e inclusão estejam longe de ser norma. Usar essa palavra não encaixa bem, na verdade, porque remete à ideia de normatividade – e a normatividade impregnada nas estruturas beneficia poucos e explora e desrespeita muitos (Lynch et al., 2022). Equidade, diversidade e inclusão são princípios pensados para os muitos oprimidos pelos sistemas (classista, racista, sexista, capacitista), que estão às margens deles, destituídos de poder e abundantes privilégios. E apesar de meu amor por esporte, as instituições que o administram o mantêm de certo modo em isolamento da realidade do mundo e das pessoas, oferecendo suporte a estruturas sociais vigentes que são, estas sim, ultrapassadas, que precisam ser reformadas. A lealdade prestada aos modelos sociais antiquados (por ir na direção contrária do que promoveria a dignidade humana) é mascarada e confundida pelas contradições (de proporções) olímpicas, e contribui fortemente para a manutenção dos mecanismos de controle, dominação e maus usos de poder já que os afirma, atualiza e autoriza. Apesar de tudo isso soar desesperançoso, há esperança na resistência, na reflexão e na crítica, uma trajetória que vem sendo percorrida em diferentes ondas, como eu comentei mais acima, e que não permite a erradicação da consciência dos problemas, ao invés disso, esmiuçando suas intersecções e faz frente a eles.

---

9. Pride House Legacy, <https://pridehouse.jp/en/>, acessado em 19/07/2021.

Um exemplo dessa trajetória, exclusivamente no mundo olímpico, é possivelmente encontrado em Alice Milliat. Ela, francesa nascida em 1884 e enamorada por esportes, fez frente ao Barão de Coubertin que, mesmo se considerarmos a época em que viveu, não deixou de posicionar-se de forma misógina. Coubertin estabelecia que os Jogos seriam celebrados como uma exibição de valor e potência masculinas, dando aos franceses a virilidade de que careciam quando perderam a guerra (Cousineau, 2004). Alice Milliat requisitou a participação feminina incansavelmente, deparando-se com as negativas de Coubertin. Ela resistiu e insistiu por várias edições do evento, chegando a promover Jogos paralelos aos Olímpicos unicamente para mulheres entre 1922 e 1934 (Carpentier, 2018). Ainda que Milliat seja o nome registrado – e pouco reconhecido –, muitas mulheres se uniram a ela para provar a capacidade e o anseio dessa população de integrar os Jogos. Nos primeiros Jogos para mulheres organizados pela Associação Francesa (*Fédération Sportive Féminine Internationale*) presidida e fundada por Milliat em 1921, uma centena de mulheres de cinco diferentes países participou, especialmente em provas de atletismo.

No Dia Internacional das Mulheres (8 de março) de 2021, ano em que os Jogos de Tóquio foram celebrados, devido à pandemia Covid-19, uma estátua de Alice Milliat foi erguida no prédio do Comitê Olímpico Francês em Paris. A estátua comemorava os 100 anos dos Jogos Femininos, sem explicar necessariamente que não se tratava das mulheres *nos* Jogos Olímpicos. O próprio presidente do COI enviou saudações na ocasião – uma ação “polida”, mas desde logo questionável por sua contradição<sup>10</sup>. E isso pode nos levar ao ponto de certa autoavaliação: estou consciente de minha crítica a diversos aspectos do sistema que rege o mundo esportivo, no entanto, sigo de certo modo inserida aí. Não seria essa uma contradição em minha própria postura? Eu encontro

---

10. Em: NESTLER, Stefan. Há 100 anos, Jogos Olímpicos Femininos se tornavam realidade. Deutsche Welle. Coluna de Esporte. 2021. Disponível em: <https://www.utoronto.ca/curriculum-review/gallery/sylvia-duckworth-wheel-powerprivilege>. Acesso em 27/07/2024.

argumentos que justificam meu posicionamento como coerente – e não me eximo de modo algum da necessidade de continuamente revisá-lo e remodelá-lo, se necessário. Entretanto, o que considero atualmente é que desde as margens o poder de ação e mudança é muito pequeno. O poder, de fato, se localiza no centro, em uma alusão à roda do poder de Sylvia Duckworth<sup>11</sup>, e é necessário como força motriz – não o poder opressor, mas a força que gera movimento e mudança. O uso consciencioso de poder pode levar à justiça social.

Isso se replica no esporte. Daí que tenho advogado por “mudanças que começam de dentro”, especificamente investigando e trabalhando com atletas olímpicas da seleção espanhola de karatê feminino (Turelli, 2022). São passos bem pequenos, por certo, mas que têm de ir se somando. Atletas são tomadas como exemplos em diversas situações e contextos, então suas posturas importam; quando elas se tornam mais conscientes de problemas em seu esporte, ainda que precisem negociar muitas questões para poder continuar nas equipes, já se tornam um fator diferenciador – têm certo poder. Atletas olímpicas são um círculo relativamente marginal na roda do poder do esporte olímpico; no entanto, se posicionam intermediariamente no contexto do esporte em geral, não-olímpico, e são muito mais acessíveis do as pessoas posicionadas nos círculos centrais (alguns treinadores, administrações de Organizações diversas, Federações nacionais, continentais, mundiais...). Pessoas com consciência da necessidade de mudança social são necessárias e podem, por transitar internamente e conhecer realidades esportivas, encontrar formas de se inserir onde suas vozes ganhem profusão e alcance, e então, idealmente, contribuir para a transformação do esporte para algo muito mais benéfico que daninho.

O karatê integrou os Jogos de Tóquio, mas não seguiu como modalidade olímpica em Paris 2024. Apesar de minha crítica à instituição olímpica e suas extensões, eu ainda gostaria de ver o karatê nos Jogos.

---

11. DUCKWORTH, Sylvia. *Wheel of Power/Privilege*. University of Toronto Scarborough. Toronto.

Isso seria benéfico para a estrutura tradicional hierárquica de esportes de combate, bastante complicada para mulheres praticantes. Estar na cena olímpica abre precedente para, pelo menos, mais questionamentos sobre hierarquias marciais. E também ilustra como a luta das mulheres se dá em múltiplos campos simultaneamente (contexto do esporte de alto rendimento/*dojo* tradicional de arte marcial). Estar entre os esportes exibidos nos Jogos pode significar estar, ainda que em uma pequena medida, no coração desse sistema, ou aproximando-se dele – e então simplesmente aumentar as possibilidades de ação. Abster-se do sistema comprometido em nome da honra, de puritanismo, ou do que for, não resolve seus problemas, não produz transformação social e nem contribui com as pessoas nas margens. Penso que isso se aplica ao esporte, e ao modelo esportivo que afeta a vida em sociedade.

Assim, o karatê nos Jogos Olímpicos tem mais chances de se tornar uma modalidade com poder transformador, que fora deles. Indubitavelmente, isso vai de mãos dadas com o nível de consciência crítica que as pessoas com capacidade de ação detêm. Porque como advertido pelos teóricos das pedagogias críticas, não se trata do trocar as mãos que manejam o poder, colocando-o nas mãos dos que estão às margens para que façam o mesmo que sofreram antes. Contudo, como os teóricos das pedagogias críticas humanistas, eu tenho esperança na educação revolucionária. Ela soa bastante utópica na contemporaneidade, mas talvez se materialize como sequências de passos, pequenos, mas contínuos, que não recuam nem desistem, mas resistem, identificam as contradições e ocupam todos os espaços.

## REFERÊNCIAS

ALI, Adam; JOHNSON, Jay; MACINTOSH Ross. The Conversation: The treatment of environmental activists at Olympic Games contradicts IOC's Olympism ideals. Winnipeg: University of Manitoba, July 2024. Disponível em: <https://news.umanitoba.ca/the-conversation-the-treatment-of-environmental->

activists-at-olympic-games-contradicts-iocs-olympism-ideals/ . Acesso em: 29 nov, 2024.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.

BRACKENRIDGE, C.; KIRBY, S. Playing safe: Assessing the Risk of Sexual Abuse to Elite Child Athletes. **International Review for the Sociology of Sport**, v.32, n.4, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/101269097032004005> . Acesso em: 29 nov, 2024.

BRONS, L. Othering, an analysis. **Transcience**. Vol. 6, Issue 1:69-90, 2015.

COLLINS, P. H. **Black Feminist Thought**. New York: Taylor & Francis Group, 2002. Disponível em: doi:10.4324/9780203900055. Acesso em: 29 nov. 2024.

CONNELL, R. Glass ceiling or gendered Institutions? Mapping the Gender Regimes of Public Sector Worksites. **Public Administration Review**, v.66, Issue 6 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1540-6210.2006.00652.x> . Acesso em: 29 nov, 2024.

CONNEL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 29 nov. 2024.

COUSINEAU, P. **O ideal olímpico e o herói de cada dia**. São Paulo, Mercuryo, 2004.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**. v.1989, n.1, art.8, p.140-167, 1989. Disponível em: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8> . Acesso em: 29 nov, 2024.

CRENSHAW, K. Mapping the margins: intersectionality, Identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**. Stanford Law Review: vol. 43, n. 6 (jul., 1991), pp. 1241-1299. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1229039> . Acesso em: 29 nov, 2024.

CRIADO-PEREZ, C. **Invisible Women: Exposing data bias in a world designed for men**. London: Chatto & Windus, 2019.

DAVIES, B.; HARRÉ, R. Positioning: The discursive production of selves. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v.20, issue:1, 43-63, 1990.

DE BEAUVOIR, S. **The second sex**. New York: Vintage books, 2011.

DE COUBERTIN, P. **Ideário Olímpico**. Madrid: Doncel, 1973.

DUBET, F. “O ‘Me Too’ é um movimento formidável de mulheres ricas que denunciam as injustiças, mas não questionam as desigualdades”. **Infobae**, 08 dez. 2020. Disponível em: <https://www.infobae.com/cultura/2020/12/09/francois-dubet-el-metoo-es-un-movimiento-formidable-de-mujeres-ricas-que-denuncian-injusticias-pero-no-cuestiona-las-desigualdades/>, Acesso em: 13 jun. 2021.

DUCKWORTH, Sylvia. **Wheel of Power/Privilege**. University of Toronto Scarborough. Toronto. Disponível em: <https://www.uts.utoronto.ca/curriculum-review/gallery/sylvia-duckworth-wheel-powerprivilege>. Acesso em 27/07/2024.

DURÁNTEZ, C. **El significado de la victoria en los Juegos de Olimpia**. Los vencedores olímpicos. León: España, 2010.

DW. Multan a jogadoras noruegas de balonmano por no usar bikini. **Deportes**. DW, 21/07/2021. Disponível em: <https://www.dw.com/es/multan-a-jogadoras-noruegas-de-balonmano-de-playa-por-negarse-a-usar-bikini/a-58576724>, acessado em 29/07/2021.

FLORES, M.; MARTIN-CASTELLANOS, A.; LOPEZ-TORRES, O.; FERNANDEZ-ELIAS, V.; GARCIA-GONZALEZ, J.; MON-LOPEZ, D. Eating Behavior Disorders and Disordered Eating Habits in Spanish High-Performance Women’s Olympic Wrestling Athletes. **Nutrients**, 16(5), 709, 2024. <https://doi.org/10.3390/nu16050709> Acesso em: 29 nov, 2024.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogy of the oppressed**. New York and London: Continuum, 2005.

GIROUX, H. A. Rethinking education as the practice of freedom: Paulo Freire and the promise of critical pedagogy. **Policy Futures in Education**, v.8, n.6, p.715–721, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.2304/pfie.2010.8.6.7>. Acesso em: 29 nov, 2024.

GURI, Paulo Guilherme. Por que as Olimpíadas de Paris são uma vitória histórica para as mulheres? **Invest News**. Junho, 2024. Disponível em: <https://investnews.com.br/off-work/por-que-a-olimpiada-de-paris-e-uma-vitoria-historica-para-as-mulheres/>. Acesso em 28/06/2024.

HOOKS, B. **Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom**. New York: Routledge. 1994.

IOC Sustainability Strategy Executive Summary. 2020. Disponível em: <https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Factsheets-Reference-Documents/Sustainability/2017-03-21-IOC-Sustainability-Strategy-English-01.pdf>, acesso em 22/07/2024.

KAMPF, Andrei. Paris 2024 obriga muçulmanas a escolherem entre fé e esporte e COI se cala. **Opinião UOL**. Esporte. 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/lei-em-campo/2024/07/23/paris-2024-obriga-muculmanas-a-escolherem-entre-fe-e-esporte-e-coi-se-cala.htm>. Acesso em 23/07/2024.

KESSLER, C. S. **Mais do que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/131770> . Acesso em: 29 nov, 2024.

LADSON-BILLINGS, G. Culturally relevant pedagogy 2.0: A.k.a. the remix. **Harvard Educational Review**, v.84, n.1, p.74-84, 2014. Disponível em: [https://www.teachingworks.org/images/files/CRP\\_remix\\_HER.pdf](https://www.teachingworks.org/images/files/CRP_remix_HER.pdf) . Acesso em: 29 nov, 2024.

LYNCH, S.; WALTON-FISETTE, J.; LUGUETTI, C. N. **Pedagogies of Social Justice in Physical Education and Youth Sport**. Routledge, London, 2022. <https://doi.org/10.4324/9781003162858> . Acesso em: 29 nov, 2024.

MASON, K. “Gendered Embodiment.” **Handbook of the Sociology of Gender**, Handbooks of Sociology and Social Research. p. 95–107. Cham: Springer International Publishing, 2018. doi: 10.1007/978-3-319-76333-0\_7 . Disponível em: <https://xyonline.net/sites/xyonline.net/files/2020-11/Risman%2C%20Handbook%20of%20the%20Sociology%20of%20Gender%20%282018%29%20pp1-269.pdf> . Acesso em: 29 nov, 2024.

NESTLER, Stefan. Há 100 anos, Jogos Olímpicos Femininos se tornavam realidade. **Deutsche Welle**. Coluna de Esporte. 2021. Disponível em: <https://www.utoronto.ca/curriculum-review/gallery/sylvia-duckworth-wheel-powerprivilege>. Acesso em 27/07/2024.

PINHEIRO, Cassiano; DILASCIO, Flávio; BARONE, Marcelo. Histórias Olímpicas #4: movimento LGBTQIA+ teve marco em Tóquio 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/07/17/historias-olimpicas-4-movimento-lgbtqia-teve-marco-em-toquio-2020.ghtml>. Acesso em 17/07/2024.

PRIDE HOUSE TOKYO LEGACY. 2020. Disponível em: <https://pridehouse.jp/en/> . Acesso em: 29 nov, 2024.

SMITH, J.; PUCKETT, C.; SIMON, W. Indigenous allyship: An overview. Waterloo, ON. **Office of Aboriginal Initiatives**. Wilfrid Laurier University, 2016.

TJONNDAL, A. “Girls Are Not Made of Glass!”: Barriers Experienced by Women in Norwegian Olympic Boxing. **Sociology of Sport Journal**, v.36, p.87-96, 2019. [doi.org/10.1123/ssj.2017-0130](https://doi.org/10.1123/ssj.2017-0130).

TURELLI, F. C.; KIRK, D.; TEJERO-GONZÁLEZ, C. M.; VAZ, A. F. Performar como mujer en el kárate Olímpico: un análisis cualitativo del Mundial 2018. **Educación Física y Ciencia**, 24:2, e213, 2022. <https://doi.org/10.24215/23142561e213> . Acesso em: 29 nov, 2024.

TURELLI, F. C.; VAZ, A. F.; TEJERO-GONZÁLEZ, C. M.; KIRK, D. ‘Fighting like a girl’: qualitative analysis of the gendered movement learning in the Spanish Olympic karate team. **Physical Education and Sport Pedagogy**, 2022. <https://doi.org/10.1080/17408989.2022.2125947> . Acesso em: 29 nov, 2024.

TURELLI, F. C.; VAZ, A. F.; KIRK, D. “We are not products”: Stereotyping women athletes in karate through demands on femininity and sensual bodies. **Revista Mujer y Políticas Públicas**. 2(1), 207–227, 2023. <https://doi.org/10.31381/mpp.v2i1.5861> . Acesso em: 29 nov, 2024.

TURELLI, F. C.; VAZ, A. F.; KIRK, D. “It is about discomfort and helplessness” – The hegemonic sports culture informed by the male gaze affecting karateka women’s embodied subjectivities. **Mujer Andina**, 2(1), 1-14, 2023. <https://doi.org/10.36881/ma.v2i1.772> . Acesso em: 29 nov, 2024.

TURELLI, F. C.; KIRK, D; VAZ, A. F. (em impressão). Oss! Embracement of catastrophic masculinity through hazing practices in three martial arts performed in Brazil. In: Hazing in the New Millenia. **Emerald Publishing**, Research in the Sociology of Sport.

YOUNG, I. M. Throwing Like a Girl: A Phenomenology of Feminine Body Comportment Motility and Spatiality. **Human Studies**, v.3, p.137-156, 1980.

Recebido em: 20/08/2024

Aprovado em: 11/11/2024

Contato: [fabiana.turelli@umanitoba.ca](mailto:fabiana.turelli@umanitoba.ca)